

10 ANOS DE

PROPOSA P

**CONSUMO
EXISTÊNCIA
RESISTÊNCIA**

**X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES
EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA //**

E-BOOK

ISBN: 978-65-990224-3-2

ORGANIZADORES:

CLOTILDE PEREZ /// ENEUS TRINDADE ///

BRUNO POMPEU /// SILVIO SATO ///

PRISCILA REZENDE CARVALHO /// CLÓVIS TEIXEIRA ///

FABIO DEL NERO ///

REALIZAÇÃO

PARCERIA

CCA USP
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ABP2
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PUBLICIDADE

PPG
GSP

FAPESP

casasemio

casasemio

GOBO

GESC

CMO
Cultura Material & Consumo
Insights & Innovation

crp

PESQUISA
DE MERCADO
EM COMUNICAÇÕES

egm

Estadística e
Pesquisa em
Mundo



**X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES
EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA ////////////////**

DE 22 A 24 DE MAIO DE 2019

DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO - ECA-USP

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

**Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

- E56 Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda (10.: 2019 : São Paulo)
10 anos de ProPesqPP [recurso eletrônico] : consumo, existência, resistência / organizadores Clotilde Perez ... [et al.] - São Paulo: ECA-USP, 2020.
1752 p.
- Trabalhos apresentados no encontro realizado de 22 a 24 de maio de 2019, Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Escola de Comunicações e Artes/USP, São Paulo.
ISBN 978-65-990224-3-2
1. Propaganda – Brasil - Congressos I. Título II. Perez, Clotilde

CDD 21.ed. – 659.10981

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

**SIGNOS DO HIV/AIDS NOS AMBIENTES DIGITAIS DA PORNOGRAFIA
AMADORA HOMOERÓTICA A PARTIR DE COMENTÁRIOS DEIXADOS NO
XVIDEOS⁸⁹⁵**

Renato Gonçalves Ferreira Filho⁸⁹⁶
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

A presente comunicação pretende discutir os signos do HIV/Aids nos ambientes digitais da pornografia amadora homoerótica a partir de comentários deixados no XVideos, campo privilegiado de observação e escuta da complexa e diversa sexualidade humana. Partindo de um enquadramento semiopsicanalítico da questão, através do qual abordamos tanto a expansão sógnica e a ressignificação do HIV/Aids na cultura homoerótica quanto seus efeitos nos processos de constituição intersubjetiva do sujeito, analisamos comentários de três vídeos amadores e discutimos três hipóteses: a associação entre Aids e morte, embora hoje seja cientificamente superada, ainda é presente; a prevenção ao HIV ainda está associada exclusivamente à camisinha, mesmo que outros métodos já existam; a pesquisa em comunicação sobre HIV/Aids deve levar em consideração a relação subjetiva do sujeito com seu meio e seus objetos.

PALAVRAS-CHAVE: HIV/Aids; Pornografia; Semiopsicanálise; Consumo; Homoerotismo

TEXTO DO TRABALHO

Quase quatro décadas após o surgimento do vírus HIV e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), ainda estamos às voltas com a questão, sobretudo no Brasil. O mais recente Boletim Epidemiológico de HIV/Aids do Ministério da Saúde, com dados coletados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), entre 2007 e 2017, houve um aumento expressivo na taxa de detecção do vírus HIV entre homens na faixa etária dos 15 a 29 anos (mais especificamente, entre 20 a 24 anos, o aumento, nesse período de dez anos, foi de 132%), enquanto a taxa diminuiu nas demais faixas etárias.

Em se tratando dessa temática, grande parte dos trabalhos e das pesquisas conduzidas pelas áreas da publicidade e da comunicação em diálogo com os campos da

⁸⁹⁵ Trabalho apresentado no X Pró-Pesq PP – Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda. De 22 a 24/05/2019. CRP/ECA/USP.

⁸⁹⁶ Doutorando do PPGCOM da ECA-USP, mestre em Filosofia pelo IEB-USP, docente do Centro Universitário FIAM FAAM, bolsista CNPq, membro do GESC3 (Grupo de Estudos Semióticos da Cultura, Comunicação e Consumo. E-mail: renatogoncalves@usp.br.

saúde pública detém-se ao estudo das campanhas governamentais ou mercadológicas em torno do preservativo, como as pesquisas conduzidas por Juciano Lacerda (2014) e Sônia Carvalho (2008). Porém, é preciso pensar o HIV/Aids por outras perspectivas, para além da camisinha e da propaganda de saúde pública, caminhando pelas esferas do consumo e dos processos de produção intersubjetiva de sentido, tensionando a idealização do uso da camisinha e a prática que a exclui, isto é, o discurso oficial e o vasto e diverso campo da sexualidade humana.

Dois motivos justificam a urgência de se repensar o HIV/Aids nos campos da comunicação. Primeiramente, se é verdade que o uso do preservativo ainda seja considerado, até os dias atuais, o método mais eficaz à prevenção do HIV/Aids, na atualidade, as possibilidades de prevenção foram ampliadas. A partir dos últimos avanços científicos, surgem no horizonte alternativas e tratamentos complementares à camisinha. O oferecimento gratuito pelo SUS, desde o final de 2017, popularizou a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), tratamento no qual populações de sorologia negativa (isto é, que atualmente não vivem com o vírus HIV) fazem uso diário de medicamentos antirretrovirais que, se empregados de forma adequada, criam os anticorpos necessários para que o vírus não possa se alojar no sangue do paciente caso ele venha a estar exposto em alguma relação sexual de risco. Além disso, outras práticas, como a testagem regular, o autoteste de HIV (testagem sem o auxílio laboratorial ou acompanhamento médico imediato) e a PeP (Profilaxia Pós-Exposição), compõem a plataforma de Prevenção Combinada, dividindo o protagonismo que a camisinha tinha no campo da prevenção ao HIV. Outra descoberta, a equação “Indetectável = Intransmissível”, encara o tratamento adequado e contínuo do paciente que vive com HIV como uma outra forma de prevenção, uma vez que, ao se manter reduzida a carga viral no indivíduo soropositivo, ele não transmite o vírus para seus parceiros sexuais (caso venha a praticar sexo sem prevenção).

Em segundo lugar, é preciso ampliar o conceito do espaço público e das mediações comunicacionais (MARTÍN-BARBERO, 2003) para abarcar as emergentes ofertas de produção, circulação e consumo midiático (JENKINS, 2014). Tendo em vista a emergência da sociedade em rede e suas implicações, o presente trabalho busca enxergar o HIV/Aids a partir de sua construção sógnica e circulação nas plataformas digitais de pornografia. O percurso será conduzido pelo mapeamento dos vínculos de

sentido entre o HIV/Aids, as práticas consideradas de risco, suas representações e sua circulação no imaginário social por um viés semiopsicanalítico. Inicialmente, abordamos tanto a expansão das imagens e a ressignificação do HIV/Aids na cultura quanto seus efeitos nos processos de construção intersubjetiva do sujeito. Posteriormente, analisamos comentários deixados em três vídeos pornográficos amadores que nos levam a três principais hipóteses: a associação entre Aids e morte, embora hoje seja cientificamente superada, ainda é presente; a prevenção ao HIV ainda está associada exclusivamente à camisinha, mesmo que outros métodos já existam na atualidade; a pesquisa em comunicação sobre HIV/Aids deve levar em consideração a relação subjetiva do sujeito com seu meio e seus objetos.

UMA TRAJETÓRIA DE RESSIGNIFICAÇÃO NO CAMPO DA CULTURA

Desde o momento do surgimento do HIV e de sua eclosão, na década de 1980, houve a associação direta entre o HIV/Aids e a morte. Receber um diagnóstico de reagente positivo ao HIV era uma sentença de morte, como Hebert Daniel (1989, p. 9), ao se descobrir soropositivo, documentou no momento da epidemia no Brasil: “(...) quando se tem Aids, dizem más e poderosas línguas que a gente é ‘aidético’ e, para fins práticos, carrega um óbito provisório, até o definitivo passamento que logo virá”. A morte, única certeza que o ser vivente pode ter, seja ele portador do vírus ou não, no caso do HIV/Aids, torna-se uma certa punição, um castigo, uma consequência de atos que seriam deliberadamente equivocados e condenáveis (como aquela de não usar preservativo ou compartilhar seringas ao fazer o uso de drogas).

Anunciada inicialmente como exclusiva à população masculina homossexual, a Aids foi considerada uma “peste” ou um “câncer gay”, uma espécie de penitência divina e/ou da natureza pela prática da sodomia e do sexo sem fins reprodutivos entre iguais. A princípio, inclusive, na comunidade científica, a Aids foi designada como Grid (*Gay Related Immunodeficiency*). Como relata o escritor e ativista gay João Silvério Trevisan (2018), em 1983, quando os primeiros casos foram noticiados no país, foi iniciada uma larga e ampla onda de alarmismo e preconceito contra homossexuais e travestis desdobrada em campanhas midiáticas que apontavam a população gay

como vetores exclusivos da "doença"⁸⁹⁷ e até mesmo sugeriam a realização de extermínios em massa de homossexuais para erradicar o vírus. Surgia um novo sintoma cultural compartilhado por jovens e adultos gays: houve a renúncia às práticas homossexuais até mesmo em casais homoafetivos monogâmicos. Ainda em meados da década, os primeiros casos de homens e mulheres heterossexuais vivendo com HIV desestabilizaram o estigma da exclusividade à homossexualidade, embora não tenha erradicado o preconceito.

Se, de um lado, o vírus e a síndrome eram ainda desconhecidos pela ciência, de outro, a imprensa, os órgãos públicos e os setores formadores de opinião pública (como a Igreja) alardeavam as lentas e dolorosas mortes, geralmente de jovens gays, em decorrência da síndrome. As primeiras campanhas governamentais sobre a Aids e o HIV no Brasil, como registra Renate Meyer Sanches (1997, p. 131), “reforçavam a imagem apavorante [da questão], ao apresentar o portador com a cara da morte”. Outras expressões culturais, como o anúncio veiculado internacionalmente, em 1990, pela Benetton, que retratava o ativista gay David Kirby deitado em um leito hospitalar, com o olhar vago e um corpo cadavérico sendo amparado pela família, e, no Brasil, a capa da Revista Veja que trouxe o cantor Cazuza com a manchete “Uma vítima da Aids agoniza em praça pública” (1989), reforçavam a associação do HIV/Aids ao sofrimento, à debilidade e, tão logo, à morte.

A evolução técnica das práticas profiláticas, terapêuticas e farmacológicas pouco a pouco transformou as relações entre as pessoas que vivem com HIV, a sua condição soropositiva e os seus signos do HIV/Aids em circulação. Antes, em meados da década de 1990, podia-se afirmar que o uso do AZT (um dos primeiros fármacos antirretrovirais a ser distribuído gratuitamente pelo SUS em 1996) significava, para o soropositivo, a ideia de que o vírus e a síndrome venceram (SANCHES, 1997, p. 147), pois só costumava ser empregado quando a contagem de linfócitos estivesse muito baixa. Hoje, é só mais uma das muitas opções de medicamentos antirretrovirais disponíveis, como o Tenofovir, o Lamivudina e o Efavirenz, que, de acordo com a avaliação médica, podem ser utilizados desde o momento em que a pessoa descobre sua sorologia positiva para o manejo da presença do vírus. Embora ainda não exista um

⁸⁹⁷ Usemos as aspas pois a Aids não é uma doença, mas sim uma síndrome que enfraquece o sistema imunológico do paciente, abrindo margem para doenças oportunistas, como a pneumonia.

tratamento que elimine qualquer resquício do vírus no organismo, nas últimas décadas, houve um expressivo ganho na qualidade de vida de pessoas que vivem com HIV, derrubando, de uma vez por todas a trágica e equivocada equação “HIV/Aids = morte”.

Um importante marco para as transformações das representações sociais do HIV/Aids é mudança de termos relacionados à temática. Conforme o guia de terminologia desenvolvido pela UNAIDS, lançado em 2017, substituições terminológicas como “pessoas vivendo com HIV” ao invés de “pessoas infectadas pela Aids” (viver com o vírus não é garantia de que a pessoa vá desenvolver a síndrome da imunodeficiência adquirida) ou “população-chave” no lugar de “grupo de risco” tentam qualificar o debate e corrigir ideologias dominantes, excludentes e estigmatizadoras historicamente impregnadas na linguagem, como Susan Sontag (2007) mapeou, ao pensar a relação entre língua e ideologia, no “combate” ao HIV (em geral, palavras de origem bélica, ou de ficção científica).

UMA ABORDAGEM SEMIOPSICANALÍTICA DO HIV/AIDS

Como desenvolve Renate Meyer Sanches (1997) ao documentar percepções, anseios e receios de sujeitos que conviviam com o vírus HIV, no final da década de 1990, para além do Real do vírus e da síndrome que dele pode ser desencadeada, haveria o que a autora chamou de “aids social” e “aids mental”, outros termos para designar a circulação social dos signos da questão e como o sujeito se posiciona frente a ele, embotando, em sua vivência, valores e estigmas atribuídas à Aids. Talvez um dos exemplos mais significativos dessa possível e angustiante relação do sujeito é o relato de Eduardo (SANCHES, 1997, pp. 84-85), um rapaz soropositivo que passou a apresentar sintomas atribuídos à Aids e, posteriormente, descobriu que elas não estavam ligadas ao desenvolvimento da síndrome mas, sim, à influência de uma leitura realizada sobre o assunto. Outro rapaz homossexual, José Roberto, relata ter buscado se expor ao vírus propositadamente para aplacar a angústia que o medo de se descobrir soropositivo o trazia (IDEM, p. 90). Herbert Daniel (1989, pp. 21-22), sobre os efeitos das representações da Aids e do HIV na cultura da década de 1980, sintetiza: “para o doente, ou simplesmente o soropositivo, a vivência das consequências das mitologias fabricadas pelo vírus ideológico é uma tragédia. As mistificações objetivamente matam. Tanto quanto ou mais do que a imunodeficiência celular”.

Cada sujeito, seja ele soropositivo, soronegativo ou sorointerrogativo, lidará com o HIV/Aids de uma forma distinta, uma vez que ele mesmo deverá posicioná-los em suas narrativas de vida, desejo e corpo, como bem representam os entrevistados de Renate Meyer Sanches (1997). Caberá sempre ao sujeito conduzir o processo de significação da temática em sua trajetória pessoal, articulando, de forma complexa, os registros Imaginário, Simbólico e Real do vírus e da síndrome, isto é, as construções fantasmáticas do que viria ser se descobrir soropositivo (para muitos, ainda relacionada equivocadamente a uma sentença de morte), os significados que carregam tais significantes (os já conhecidos “soropositivo”, “HIV/Aids” mas também os novos significantes com os quais aqueles que convivem com o vírus passam a lidar, como “reagente” e “CD4”, termos técnicos laboratoriais que indicam a evolução ou involução do quadro infeccioso) e, por fim, a presença ou a ausência real do vírus em seu corpo, aferido periodicamente a partir de exames laboratoriais. Tratam-se de operações condicionais, relacionais e conflituosas, pois elas, invariavelmente, passam pela relação do sujeito com o grande Outro, espaço privilegiado da cultura, da linguagem e do laço social, como formula Jacques Lacan (1998) ao apresentar o modelo de desenvolvimento intersubjetivo a partir do modelo ótico de um sujeito frente ao espelho. O sujeito que se descobre soropositivo, muitas vezes, adentra um universo socialmente considerado clandestino, como afirma Herbert Daniel (1989, p. 11).

Cada geração, comunidade e/cultura, na qual o sujeito estará imerso, terá seu próprio entendimento a respeito do HIV/Aids. A atual população de jovens homossexuais possivelmente tem uma compreensão distinta daquela compartilhada por homens nascidos na década de 1970 que testemunharam a eclosão do vírus na década de 1980. O primeiro grupo, em meio a um contexto em que o controle do HIV/Aids é muito mais efetivo do que ele foi no início da epidemia, não presenciou a dolorosa e rápida morte dos primeiros infectados pelo HIV, à qual o segundo grupo assistiu em seu tempo de juventude. Em termos semióticos, isto é, na seara do estudo da produção signica, a noção triádica do signo em Charles S. Peirce sustenta e, de certo modo, ressalta essa diferença: a tríade signo-objeto-interpretante, ao articular o signo tanto em relação ao seu objeto quanto àquele que o interpreta estabelece uma ligação entre a produção de sentido e o repertório e a visão daquele que conduz o processo de leitura do signo.

BAREBACK: NÃO HÁ LEI NA ARENA DA PORNOGRAFIA AMADORA HOMOERÓTICA

Como estamos discutindo no decorrer da pesquisa “Estética, desejo e consumo no homoerotismo masculino”, em condução no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, a pornografia amadora produzida e compartilhada digitalmente é um campo privilegiado para a observação das práticas eróticas contemporâneas: "(...) o contexto amador desse tipo de produção pornográfica abre portas para a expressão do sexo em sua forma mais genuína, isto é, em sua forma daimônica” (GONÇALVES, 2017, p. 231-232).

A ideia do *daimônico*⁸⁹⁸, desenvolvida por Camille Paglia (1992, p. 15), nos leva à sexualidade que escapa às rédeas morais. Para Paglia (IDEM), a sexualidade é daimônica na medida em que é o ponto de contato entre a natureza e o homem. Nessa dimensão, não há fundamento moral e as pulsões e os impulsos sexuais correm à margem de qualquer repressão. “Não há lei na arena sexual”, sintetiza a autora norte-americana (PAGLIA, 1996, p. 63), ao discutir as expressões da violência que, por vezes, compõem a cena sexual: “a lei última da arena sexual é a responsabilidade pessoal e a autodefesa”. Caberia, nesse contexto, a ideia de segurança que tanto se diz nas campanhas oficiais pelo “sexo seguro”?

Essa perspectiva epistemológica e conceitual é importante para discutirmos a prática do *bareback*, considerada um dos principais comportamentos de risco e exposição ao HIV e a outras ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) entre homens que se relacionam com outros homens. O termo, que, em inglês, literalmente denomina o ato de se cavalgar sem sela, traduz a realização do sexo sem camisinha. Embora a prática da penetração anal intencionalmente sem preservativo preexistisse à metáfora, a atual aderência cultural das palavras “barebacking”, “bareback” e “bare” (em uma versão reduzida do termo original) apaga sua origem e sua circulação inicial: a cultura homoerótica dos Estados Unidos ao final da década de 1990. Como mapeia Edgard Felberg (2011, p. 40-46), o termo emerge em 1997 a partir de um artigo escrito por Stephen Gendin, “Riding bareback”, publicado na revista estadunidense POZ,

⁸⁹⁸ Os *daemones*, figuras nas quais se sustenta o conceito, são deuses da Grécia Antiga abaixo das grandes divindades.

prioritariamente voltada a homens homossexuais que vivem com o HIV⁸⁹⁹, no qual é enaltecida a prática do ato sexual sem preservativo⁹⁰⁰. O *bareback*, ao entrar em circulação em um cenário pós-HIV, de certo modo, abastece de intencionalidades políticas uma prática rotineira que até então não tinha nem esse nome tampouco essa dimensão: o *bareback* marca o “retorno a uma sexualidade não constrangida pelo medo da infecção pelo HIV” (IDEM, p. 41) atrelado à condenação das práticas homossexuais. A prática é uma resposta ao discurso moral de uso da camisinha que esteve articulado ao poder (em uma perspectiva biopolítica do controle dos corpos e dos prazeres).

Os sentidos iniciais do *barebacking* estiveram ligados às sorologias dos parceiros sexuais. Os termos “bug chaser” (“caçador de joaninha”, em tradução literal), “gift” (“presente”) e “gift giver” (“aquele que dá o presente”), denominavam, respectivamente, a contaminação pelo vírus HIV e aqueles que buscavam a soroconversão (tornar-se soropositivo). Porém, ao lado da pornografia produzida industrialmente que, sob vigilância constante, usualmente dispensa o uso do preservativo em suas cenas, a prática ganhou outros sentidos e se afastou da ligação direta à condição sorológica dos parceiros sexuais. Como abordamos em outro trabalho, os signos da subversão e da violação no homoerotismo (GONÇALVES, 2017, p. 242 - 246) contidos em materiais audiovisuais amadores, prescindem de preservativo para, dentre as expressões do sexo anal entre homens, se “gozar dentro”, se “leitar” e até mesmo se “engravidar”, claras ironias e desvios das funções biológicas ditas naturais da fecundação e da procriação entre um homem e uma mulher - o que não necessariamente está ligado a qualquer IST.

Um último questionamento a ser feito é: até que ponto a noção de sexo seguro ou comportamento de risco é moral ou esbarra na questão do Real da sexualidade? Como relata Vera Paiva (1992, p. 57), no início da epidemia do HIV/Aids, entre 1983 e 1985, muito se especulou de que se tratariam de os médicos estariam criando “teorias e perigos só para controlar as minorias”. É certo que a pauta foi usada por questões políticas, morais e religiosas nos últimos anos - algo que, no Brasil, ainda não foi

⁸⁹⁹ “POZ” é uma gíria da língua inglesa usada para denominar pessoas que vivem com o HIV. À título de exemplificação, o Grindr, aplicativo voltado a encontros casuais entre homens, utiliza o termo como uma das possibilidades das “tribos” às quais os seus usuários podem se identificar e utilizar como descrição em seu perfil.

⁹⁰⁰ No mesmo ano, a palavra é usada pelo ator pornô homossexual e soropositivo Scott O’Hara que declaradamente diz não sentir atração em realizar sexo com camisinha.

superado, tendo em vista o retrocesso que ameaça as políticas públicas de prevenção e tratamento do HIV/Aids (QUINALHA, 2019). A própria noção de “grupos de risco é um dos conceitos que mais [nos] desafia politicamente”, como afirma Gabriel Rotello (1998, p. 67). Porém, há algo que escapa ao discurso e tange o registro do Real, aquele que, por definição, é angustiante por não comportar qualquer significado (GÓES, 2012, p. 12). Em consonância ao inominável do sexo, que Mário Coutinho Jorge (2013, p. 18) aponta, a possibilidade da presença ou da ausência do HIV instaura um furo na dimensão do Real que deverá ser taponada pela linguagem. Caberá mais uma vez ao sujeito dar sentido e significação à questão. Nessa direção, é importante mapear os signos construídos a partir das mediações comunicacionais entre sujeitos e a pornografia amadora, espaço privilegiado da expressão das correntes práticas sexuais, como ocorre no XVideos, uma das principais plataformas digitais de conteúdo erótico na atualidade.

CAIXA DE COMENTÁRIOS: EMBATES EM TORNO DO HIV/AIDS

Dentro do funcionamento do XVideos, a pesquisa por *tags* é a principal forma de acesso aos conteúdos audiovisuais disponíveis. Se o usuário não as digita no campo de busca, pode escolher navegar a partir daquelas sugeridas pela própria plataforma, disponibilizadas na barra superior logo abaixo do topo do site. Buscando-se pela *tags* “hiv” ou “aids”, não há muitos registros (cerca de 10 vídeos apenas), quando uma das ferramentas fundamentais de busca está ativada no modo *gay* (para pesquisar vídeos, o usuário deve selecionar qual a sua preferência em relação à performance sexual dos parceiros em cena do conteúdo audiovisual que pode ser “hétero”, “gay” ou “trans”). Embora não haja menções específicas ao HIV e à Aids, no momento da busca, surge associada a *tag* “bareback” e seus termos derivados (“bare”, “no pelo”, “sem capa”). À título de uma pesquisa exploratória inicial para o mapeamento das referências espontâneas, olhemos as caixas de comentários de três vídeos atribuídos diretamente ou indiretamente à prática do *bareback*: “A camisinha estourou”, “Foda bareback sem frescura, putaria pura” e “Tirando o cabaço do novinho”.

Amarrando a última ponta da participação significativa no contexto da cultura da conexão (JENKINS, 2016, p. 211), na qual os consumidores não somente consomem conteúdos midiáticos como também os produzem e os disponibilizam em rede, a caixa de comentários é um espaço de interação direta entre consumidores e produtores do

material pornográfico. Não se pode afirmar com certeza a identidade de gênero tampouco a orientação sexual dos comentaristas dos vídeos na plataforma XVideos. Como em quase toda pesquisa netnográfica, a tarefa da identificação clara e inequívoca de sujeitos em ação em um determinado contexto digital é atrapalhada por avatares, codinomes e alteregos que, por vezes, confundem, mascaram ou até mesmo escondem propositadamente as reais identidades de seus usuários. Quando estamos no contexto das plataformas de pornografia, encaramos um consumo que usualmente não busca deixar rastros ou, quando o faz intencionalmente, como quando se deixa um comentário em um determinado material audiovisual, são apagados traços que possam identificar seu autor na vida fora das redes. Porém não encaremos isso como uma barreira para a investigação científica, pois, de certo modo, as plataformas digitais ampliam o aspecto fantasmático da sexualidade, isto é, a dimensão imaginária inerente ao erotismo e, talvez, por isso, sejam tão ricas de expressões para se chegar às relações entre sujeitos e prazeres na contemporaneidade.

Considerando o ambiente digital da pornografia amadora gratuita e suas lógicas e práticas de produção, uso e consumo, podemos inferir que, se um usuário deixou deliberadamente um comentário, ele teve que despender um esforço muito maior do que a simples visualização da mídia, isto é, ele ultrapassou o consumo midiático e interagiu diretamente com o material: para deixar um comentário, é preciso possuir um cadastro na plataforma e informar seus dados de acesso para *login*. Uma vez que esses comentários são deixados em vídeos homoeróticos masculinos, é de se presumir que a maioria da audiência que deixa comentários e que vence a barreira do não-envolvimento com a pornografia, ou seja, que resolve interagir diretamente com o material apresentado é composta por sujeitos que sentem atração por cenas homossexuais. O esforço denota que o comentarista crê na relevância do que se compartilha.

Enxergando qualitativamente a amostra selecionada de vídeos, podemos destacar quatro linhas de comentários: (a) comentários que incentivam totalmente a prática; (b) comentários que ponderam a sua realização; (c) comentários que não incentivam a sua execução; e (d) comentários que não se atentam ao *bareback*. Evitemos a polarização entre “positivo” e “negativo”, usualmente empregado para a análise de expressões virtuais espontâneas, que acabaria por atachar a questão sob a

insígnia moral do "certo" e do "errado". Como veremos, as nuances são muito mais tênues e ambíguas.

O primeiro grupo é composto por comentários que incentivam a prática do *bareback*, como as observações "Adoro quando acontecem esses acidentes. Dá um tesão do caralho o medo. Muito bom meter/dar SEM CAPA" [sic], "que tesão, vitamina pura... sem neura, sem frescura, sem pudores... leite vitaminado dentro!" [sic], "Eu gosto de comer cu de trans e cds vitaminado" [sic] e "tesao" [sic]. Em tais interações, sobretudo no vídeo "Foda bareback sem frescura, putaria pura", há muitas menções à "vitamina", uma metáfora para o sêmen no qual se conteria o vírus HIV, como no comentário "delícia tomando esta vitamina deliciosa, tesao do caralho nisso" [sic]. No material audiovisual em questão, inclusive, nas nádegas do homem que é penetrado há uma inscrição à caneta preta: "HIV, vitamina, puto". Para além da ideia de se penetrar "no pelo", isto é, não usar a camisinha para aumentar o prazer do toque direto entre peles, há uma relação direta entre o semem e o *bareback*, reforçada em vídeos como o "Levando leite de camisinha usada na sauna" em que se filma as nádegas de um homem no qual se introduz via retal o esperma de camisinhas, esvaziando-as uma a uma.

O segundo grupo é composto por comentários que, ao mesmo tempo em que apontam para o prazer que a prática pode promover, pondera a sua realização: "NÃO DEVIA, MAS ISSO DÁ UM TESÃO DO CARAI NÉ" [sic]; "Perigoso porém excitante"; "Dá um tesão imaginar isso acontecer! Mas tem que tomar cuidado! Cuidados nunca são demais e que pica maravilhosa" [sic]. A noção de perigo, ao caminhar ao lado do prazer, nos relembra o gozo da transgressão já contido em Sigmund Freud. A partir do mito freudiano desenvolvido em *Totem e tabu* (2012), o desejo, para a psicanálise, estará calcado no desejo de transpor o que está interdito. Nessa perspectiva, o discurso da prevenção estabelece um efeito diverso ao qual se esperava na prática da exposição - o que funda o *bareback*, como vimos a partir do resgate histórico do termo realizado por Felberg (2011). Ao se colocar como "proibida", a prática ganha o valor suplementar da transgressão.

No terceiro grupo, estão comentários que desestimulam a prática: "Desnecessário"; "Triste ver um video desse. Mesmo a pessoa sendo + deve sempre usar camisinha para que o vírus não fique cada vez mais forte. Vamos cuidar da camisinha sempre!" [sic]; "Credo, isso me broxa na hora, com saúde naum se brinca"

[sic]. Geralmente, tais comentários são extensos ou, pelo menos, são maiores do que aqueles que incentivam o *bareback* e, nessa seara, proliferam-se preconceitos e visões equivocadas sobre o HIV e a Aids. Em "Pq todo mundo que tem AIDS acham que todos devem ter? Que absurdo!" [sic], há a suposição de que todos aqueles que praticam sexo sem camisinha vivem com o HIV e, conseqüentemente, transmitem o vírus - mesmo que não haja qualquer menção à sorologia do parceiro sexual e, muito menos, a noção de que pessoas que vivem com HIV e que estão com carga viral reduzida não transmitem o vírus e que é possível também estar protegido do HIV com o uso da PeP. A camisinha é a forma de prevenção mais visível na cena sexual, mas não é a única. A própria ideia de "sexo seguro", quando no contexto do HIV/Aids, ao ser somente associada ao uso da camisinha é incorreta e só denota que as medidas profiláticas que surgiram nos últimos anos ainda não foram totalmente assimiladas na cultura. No mesmo vídeo do qual retiramos o comentário anterior, "A camisinha estourou", ocorre a falsa ideia de que o que se pode transmitir sexualmente é a Aids e não o HIV que pode desencadear a síndrome, um claro desconhecimento a respeito da questão: "PARABÉNS BOA AIDS PRA VC :)" e "E morreu de AIDS". Outro comentário, após supor que se transmitiu HIV, é sucinto na relação direta entre exposição a ISTs e morte: "si fudeu" [sic].

É interessante notar que, em meio a tantos comentários que relacionam diretamente o *bareback* ao HIV, à Aids e a morte, um se destaca pelo grau informativo que carrega sobre o PeP: "Galera, a camisinha ESTOURAR, logicamente, é considerado uma SITUAÇÃO DE RISCO e existe a alternativa de recorrer ao PeP (Profilaxia pós-exposição) é só se dirigir a um CENTRO ESPECIALIZADO no tratamento as DSTs. No caso do HIV, vc só terá 72h para recorrer ao tratamento e combater o vírus" [sic]. Em outro comentário, um usuário cita os Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) e tenta criar um cálculo do risco da exposição ao HIV: "Depois esses bostas que ficam dizendo 'vitamina deliciosa' vão bater nos CTA pra retirar o coquetel. Esquecem da reação que o medicamento causa e o custo para o SUS".

O último grupo de comentários nos encaminha para as considerações finais: são comentários nos quais não há qualquer menção direta à questão que fundaria o *bareback*, isto é, a transgressão da conduta ética da não-exposição ao HIV. Comentários como "hm chama zap sou passivo meu zap ta no perfil" [sic], "Rola grande, deus me livre mas quem me dera rrsrs" [sic], "Caralho... uma piroca dessa deixa até hétero com

água na boca” [sic] e “ta em sp?” [sic] apontam para o aspecto autoral do consumo: cada sujeito estabelece uma narrativa única com os objetos que consome. Alguns usam os vídeos de *bareback* não necessariamente para se excitar com a relação sexual sem camisinha e com seus riscos envolvidos, mas, sim, com as dimensões anatômicas dos sujeitos em cena (como o tamanho do pênis). Outros usam a plataforma na esperança de conseguirem encontros sexuais. Cada sujeito conduz seu processo de significação, como no fantasioso comentário deixado no vídeo “A camisinha estourou”, que traça uma explicação baseada em hipóteses elencadas pelo usuário a partir do que ele viu e crê como evidências: “Acho que esse cara q tá comendo é o mesmo que em outro vídeo ele no meio da foda arranca a capa e continua metendo sem capa e o passivo tenta empurrar, eu até achei que era fake o outro mas por essa dá pra perceber que o safado finge q vai comer com capa pra leitar os caras e vitaminar. Que fdp” [sic].

Longe de esgotarmos o assunto, é possível pensar que não há um só denominador comum, no sentido de não existir um só valor associado ao HIV/Aids, à camisinha, à prevenção etc. Frente ao Real da sexualidade, cada sujeito deverá tecer sua fantasia. Nesse sentido, condenar a divulgação, a produção e até mesmo a prática de sexo sem camisinha só reforça os estigmas do HIV/Aids ao invés de funcionar como uma medida educativa para que sejam divulgadas as profilaxias ao HIV, que vão muito além da camisinha. As discussões no campo da comunicação em consonância às áreas da saúde mostram-se mais profícuas quando pensamos a circulação sígnica e e o campo comunicacional a partir de uma perspectiva que leve em conta a autoria do sujeito e seus processos de construção intersubjetiva. Na arena pagã da sexualidade (a expressão é de Camille Paglia), as condutas, as significações e os sentidos do sexo estão tão somente nas mãos do sujeito. É preciso escutá-lo e articulá-lo aos signos que o cercam, tarefa da semiopsicanálise.

REFERÊNCIAS

BOLETIM Epidemiológico HIV/Aids. Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em:
<http://www.aids.gov.br/system/tdf/pub/2016/66196/boletim_hiv_aids_12_2018.pdf?file=1&type=node&id=66196&force=1>. Último acesso em 20 de março de 2019.



**X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES
EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA ////////////////
DE 22 A 24 DE MAIO DE 2019**

DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO - ECA-USP

DANIEL, Herbert. **Vida antes da morte**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 1989.

FELBERG, Edgard. **Bareback**. Reflexões sobre a normalização das condutas sexuais. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

FREUD, Sigmund. “Totem e Tabu (1912-1913)”. IN. **Obras completas, volume 11**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. pp. 13-156.

GÓES, Clara de. **História e psicanálise**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

GONÇALVES, Renato. “Por uma visão sadiana da sexualidade”. IN: **Reflexões sobre comunicação e diversidade sexual e de gênero**. Clóvis Teixeira Filho (org.). Londrina : Syntagma Editores, 2018.

GUIA de Terminologia da UNAIDS. Brasília: Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS, 2017. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/06/WEB_2018_01_18_GuiaTerminologia_UNAIDS.pdf>. Último acesso em 20 de março de 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão**. Criando valor e significado por meio da mídia propagável. Tradução: Patricia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. “O real e o sexual: do inominável ao pré- conceito”. In QUINET, Antonio (org.). **As homossexualidades na psicanálise**. São Paulo: Segmento Farma, 2013, p. 15 - 28.

LACAN, Jacques. “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In _____. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACERDA, Juciano de Sousa. "Campanhas midiáticas de prevenção das DST/ AIDS: usos e apropriações entre adolescentes e jovens do bairro de Mãe Luiza, Natal - RN" In. **Razón y Palabra**, v. 18, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199530728006>>
MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

PAGLIA, Camille. **Personas sexuais**. Arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAGLIA, Camille. **Vampes e vadias**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.

PAIVA, Vera. “O simbolismo da AIDS, alteridade e cidadania”. IN. PAIVA, Vera (org.) **Em tempos de AIDS**. Viva a vida. São Paulo: Summus, 1992.

QUINALHA, Renan. “Desafios para a comunidade e o movimento LGBT no governo Bolsonaro”. In. **Democracia em risco?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019. pp. 256-273.

ROTELLO, Gabriel. **Comportamento sexual e AIDS**. A cultura gay em transformação. Tradução: Lauro Machado. São Paulo: Summus, 1998.



**X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES
EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA ////////////////
DE 22 A 24 DE MAIO DE 2019**

DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO - ECA-USP

SANCHES, Renate Meyer. **“Escolhi a vida”**. Desafios da Aids mental. São Paulo: Editora Olho d’Água, 1997.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva: 2018.